

Os Seminários em que



Por
SILVA ARAÚJO

Continuamos hoje com a publicação de um conjunto de memórias do Monsenhor Domingos Silva Araújo sobre os seminários onde viveu e se formou: Seminário de Nossa Senhora da Conceição (Seminário Menor), Seminário de Santiago, Seminário Conciliar da Rua de Santa Margarida. No número anterior deste Suplemento, publicado no dia 20 de novembro de 2019, o autor deu-nos nota do seu regresso a Santa Margarida, dos momentos vividos antes das ordenações, da formação espiritual e intelectual, da vida do dia a dia, das saídas, fazendo ainda um balanço de doze anos de formação.

VI

Professor e Prefeito

D. António Bento Martins Júnior ordenou-me sacerdo-

te na Sé de Braga em 15 de agosto de 1959, como disse.

No fim da celebração, ainda no interior da Catedral, O Cónego Apolinário Rodrigues Rios abeirou-se de mim e informou-me que iria trabalhar no Seminário Menor, onde devia comparecer não me recorde agora em que dia.

Foi assim que me foi confiada a minha primeira tarefa sacerdotal. Não recebi qualquer documento escrito a nomear-me.

Comigo foram os condiscípulos, José Arnaldo da Silva Monteiro Fernandes e José das Neves Machado. Aí me mantive até 1965.

Além de nós os três (eu e os meus dois condiscípulos) o grupo de prefeitos era constituído pelos padres João Ferreira, Manuel Alves Coutinho, Euclides Pinto Rios de Castro, Hilário Oliveira da Silva, José de Sousa Marques. Durante os seis anos que ali trabalhei houve prefeitos que saíram e prefeitos que entraram. Destes, recorde o Adelino Sousa Lopes, o Adérito Francisco da Costa Ribeiro, o António Manuel de Sousa Fernandes, o João Batista Alves da Mota, o Jorge Peixoto Coutinho.

Fui prefeito do primeiro ano juntamente com o Euclides Rios e lecionei Português e Latim.

Tivemos de ser os novos pais e mães daqueles meninos, a quem prestávamos todo o apoio que, naquelas circunstâncias – há que situar os acontecimentos no seu tempo – nos era possível.

Nos momentos em que tivemos de ser duros, fizemo-lo por bem. Procurámos ser próximos de todos. Não me envergonho de dizer que, em desabafos com o Euclides, algumas vezes chorei face às dificuldades de aprendizagem

de alguns alunos.

Procurámos ser amigos dos seminaristas, sem deixarmos de ser exigentes, como se exigia de nós. Procurámos incutir neles hábitos de honestidade, de trabalho e de asseio.

O falecido arcebispo D. António Bento alertou um dia o Cónego Apolinário para o facto de os nossos meninos se apresentarem muito penteadinhos.

Procurámos ajudá-los a crescerem como homens

e como cristãos. Antes de saírem de casa procurávamos ver como cada um se apresentava. Quando nos competia orientar a meditação da manhã, desprendiámo-nos do livro e procurávamos conversar com eles sobre o que con-



14 - 30 de maio de 1963. Junto ao busto de Mons. Fernandes Lopes, que existia no recreio do Seminário Menor, onde trabalhei entre 1959 e 1965.

vivi (5)

siderávamos mais útil para o seu desenvolvimento.

Para estimular o seu aproveitamento intelectual mandámos fazer um artístico quadro de honra que colocámos ao fundo do salão. Para ele escrevi as seguintes quadras: *Cuidado! não te envaideças por te encontrares no rol! Não vês a Lua a brilhar com uma luz que é do Sol?*

Que o nome que alguém escreveu

neste quadro, qual tersoiro, seja escrito em letras de ouro não na Terra mas no Céu.

Procurámos animar festas, formando um grupo de jograis. Para eles escrevi poemas, alguns dos quais se encontram no livro «Poemas da Hora que Passa», que publiquei em 1961, e «Refúgio», publicado anos mais tarde, em 2007. Desse grupo fazia parte o hoje Cónego João Aguiar. Um belíssimo declamador, que mais tarde trabalhou na Universidade do Minho, foi o José Carlos da Fonseca Henriques, falecido há anos.

Tivemos o desgosto de nos ter falecido em 28 de março de 1964 Manuel Veiga Gomes, a quem carinhosamente chamávamos o Veiguinha. Ficou sepultado no cemitério de Gualtar. Numa romagem que ali fizemos com os condí-pulos deixámos escrito numa lápide: «Eras bom. Estás com Deus».

Com o Euclides fiz parte do grupo que idealizou o «Voz de Esperança».

Recordo-me de, numa altura, para animar os recreios no salão e promover a participação de todos, termos organizado um campeonato, não me lembro de quê. Como alguns se manifestassem desinteressados, sentenciámos: os que ficarem em últimos apanham bolos! Terminado o campeonato, precisávamos de manter a palavra dada, o

que não foi difícil: aos últimos classificados servimos, num beto, bolos que comprámos na pastelaria Benamor.

Fomos sempre, eu e o Euclides, uns belíssimos companheiros. Uma vez fomos ver uma tourada ao vivo, na Póvoa de Varzim. Começou pelo toureio a cavalo. O Euclides,

dia e noite. Pernoitávamos num biombo, situado a um canto do dormitório. Só nos deitávamos depois de pensarmos que os alunos tinham adormecida. E quando a capinha soava para os despertar já estávamos a pé.

Durante o dia, cada um dos prefeitos revezava-se. Quan-

lhadas do Pensamento e onde os alunos guardavam a mala grande.

O quarto que me foi destinado, ao lado do do Euclides, ainda não tinha sido deixado vago pelo meu antecessor. Durante meses só pude dispor do biombo: uma estrutura de metal, com uns panos brancos pendentes, onde, ao deitar e ao levantar, tinha de apagar a luz, para que não desse aos alunos que porventura estivessem acordados um espetáculo de sombras chinesas.

Quando pude dispor de quarto convidei os colegas

redigido em latim macarrónico e em papel almaço. Uma vez por mês, à noite, depois de os alunos adormecerem, no quarto do João Ferreira, o mais espaçoso, nas Encruzilhadas do Pensamento, fazíamos uma reunião empichorada (um convívio com comes e bebes). Começávamos muito silenciosamente (no piso inferior havia um dormitório) mas depois acontecia de nos entusiasmos.

Numa dessas reuniões fomos surpreendidos com o bater à porta. Era o guarda-noturno, o senhor Monteiro, a dizer que o senhor Cónego



15 - Maio de 1960. Alunos do 1.º ano do Seminário Menor, no Parque da Ponte.

desejoso de ver o homem enfrentar o bicho, exclama: Isso é uma cobardia! Eu sou pelo touro!

A nível nacional eram tempos de exaltado patriotismo, provocado pela Guerra do Ultramar (Guerra Colonial).

Uma dureza suavizada

Não era fácil a vida de prefeitos. Acompanhámos os alunos durante, praticamente,

do os alunos saíam, íamos os dois.

Para descansar nos tempos livres cada prefeito dispunha de um quarto. O do Euclides ficava ao fundo do salão do primeiro ano, ao lado das instalações sanitárias. Os dos outros colegas eram nos forrinhos, um espaço hoje profundamente remodelado, para muito melhor, a que passámos a chamar as Encruzi-

para uma festa, para que cada um se inscreveu com vinte escudos. Assim nasceu a Sociedade do Solar da Permanente Tesura, de que fui sócio fundador. Esta era integrada exclusivamente pelos oito prefeitos.

A tesura fazia alusão ao escasso vencimento que auferíamos. Tínhamos um cancionero, para que escrevi as letras. Um regulamento

go mandava perguntar que barulho era aquele. Atendeu-o o Alves Coutinho, que, em resposta, disse: senhor Monteiro, entre, coma e beba. No fim recomendou: agora vá dizer ao senhor Cónego que isto é uma brincadeirinha que não ofende ninguém.

Além das sessões da Tesura, nas férias organizávamos passeios.

Do Cancioneiro da Tesura

fazia parte Od(io)e à Prefeitura, que escrevi em 15 de janeiro de 1962 e o Sousa Fernandes musicou:

Prefeitura, és muito ingrata, coisa que a ninguém apraz, quando, um dia, tiver gás hei-de levar-te à sucata.

Coro

Sempre que estou de serviço dá o enguiço na pequenada.

Tossem daqui e dali, um chora, um ri, e não faço nada.

Não me deixas descansado nem nas noites mais silentes. Se vou dormir, a meu lado um geme de dor de dentes.

Quando findar o tormento da vida que nunca gabo, vou deixar-te em testamento ao mais esperto diabo.

O bem dos alunos

Os oito prefeitos reuniam semanalmente com o Cónego Apolinário, para conversar sobre a vida da casa. Houve encontros que não foram muito pacíficos, dada a defesa intransigente que fazíamos do que considerávamos ser o bem dos alunos, sobretudo no que respeitava à alimentação.

Não recuávamos perante o que considerávamos ser a defesa dos seminaristas que nos eram confiados. Numa récita de Carnaval, no Seminário de Santiago, mandaram umas farpas aos nossos meninos. Eu e o Adérito não hesitámos: deixámos a récita, viemos ao Seminário, escrevemos na minha máquina uma declaração de protesto e regressámos a Santiago, meter debaixo da porta do quarto do reitor essa declaração. O Cónego Luciano Afonso dos Santos, que tolerava que os seus se metessem com os outros mas não aceitava que os outros se metessem com os seus, levou a mal. Ainda anos depois, já eu dirigia o «Diário do Minho», manifestou a Mons. Manuel Vaz Coutinho a sua mágoa. Eu e o Adérito ficámos marcados.

Dentro das possibilidades

de que dispúnhamos, procurámos que no Seminário entrasse uma lufada de ar fresco.

Os oito prefeitos constituímos uma equipa muito amiga, muito solidária e muito unida. Apoiámo-nos uns aos outros. Apesar de difíceis, para mim foram belíssimos aqueles seis anos.

Falei no Guarda noturno. Era um senhor que também tinha por missão ir, de noite,

Foi ainda nesse período que, juntamente com o P. António Gomes Ferreira, frequentei no Colégio D. Diogo de Sousa um Curso de Cris-tandade, o 22.º, e comecei a escrever no Diário do Minho.

Datam desse tempo os versos que transcrevo:

Seminarista

Sou um pequenino vestido de escuro



16 - Uma das atuações dos Jograis da Imaculada.

pelos dormitórios, acordar os alunos, para que não molhassem a cama. Quem tivesse necessidade dos seus serviços deveria atar a toalha de rosto à cabeceira da cama.

Neste tempo passaram a servir no Seminário as Irmãs da Congregação da Divina Providência e da Sagrada Família. Fizeram muito bom trabalho na cozinha e no cuidado das roupas. Começaram por uma boa limpeza nas canecas e nas terrinas de alumínio. Em consequência disso, tiveram de ser conser-tadas ou substituídas porque começaram a verter.

Também naquele período frequentámos um curso promovido pelo Movimento para um Mundo Melhor, orientado pelo P. Manuel Vieira Pinto. Dele trouxemos material para animar alguns dos recreios.

Que passa nas ruas da nossa cidade. Caminho sereno. Não temo o futuro, Pois encontrei já a felicidade.

Sou seminarista. Bailam no meu peito Anseios maiores que o fundo do mar. Sei bem que escolhi o caminho estreito, Mas nele, e só nele, hei-de caminhar.

Que vantagem há pisar as estradas Que os outros – não nós – tornaram suaves?! Eu hei-de abrir rotas, com minhas pegadas, Como abrem, no espaço, caminho as aves.

Eu sou um navio de frágeis madeiras Que sulca, sorrindo, as águas do mar. Não fujo à luta. Subir as

ladeiras Dá grande alegria e gozo sem par.

Não quero gozar a honra, o prazer, Que os outros juntaram para me deixar. A minha pessoa a hei de fazer À custa de esforço e muito lidar.

Das rosas, um dia, hei de ser c'roadado,

Que há-de temer um seminarista Que a Virgem Maria tem sempre a seu lado?

Temor de derrotas? Receio de fracassos? Nunca turvou isso estes sonhos meus. Jamais teme as ondas quem anda nos braços Que já ampararam o Menino-Deus.

A Virgem me leva em seu colo materno, Quentinho regaço que aqueceu Jesus. Com Ela não temo o frio do Inverno, Com ela nem sinto o peso da cruz.

Fez-se o que se pôde

Não vou fazer o balanço do que foi o meu trabalho destes seis anos.

Dada a falta de preparação, a minha juventude e as minhas limitações, reconheço ter, em alguns casos, feito coisas que deveria ter feito melhor ou não deveria ter feito.

Não deixo, porém, de dizer que para o julgar corretamente temos de recuar quase sessenta anos e de nos situar no contexto que então se vivia.

A pedagogia de então era muito diferente da de hoje. O número de seminaristas (refiro-me aos alunos do primeiro ano) era grande: 127 no ano letivo 1959/1960; 137 no ano 1960/1961; 113 no ano 1961/1962; 92 no ano 1962/1963; 119 no ano 1963/1964; 131 no ano 1964/1965.

Os meios de que dispúnhamos e os próprios espaços físicos em que trabalhávamos eram muito diferentes dos de agora. É muito esclarecedora a entrevista com Euclides Rios publicada por Ernesto Português no livro «Seminário de Nossa Senhora da Conceição Braga Aspectos Histórico-Pedagógicos», Braga, 1998, pag. 459-465.

Tenho a consciência de que, com falhas, de que me penitencio, procurei fazer o melhor que pude, o melhor que soube, o melhor que me deixaram fazer. ▀

Que vejo ao longo destes meus caminhos. Mas antes, não temo receber o fardo Da sponja de fei, da c'roa de espinhos.

Julgarão, talvez, que vivo apagado Dentro das paredes do meu Seminário. Crepita, em minha alma, o fogo sagrado Da lâmpada de azeite que tem o sacrário.

O meu fato preto? esta roupa escura? É o hábito humilde que trago por fora. Ai se fosse dado verdes a brancura Da alma singela que lá dentro mora!

Não há um desgosto a que não resista. Encaro a vida com todo o agrado.